

Os caminhos trilhados por você... em cartas cariocas (séculos XIX-XX)

Célia Lopes
Janaína de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, C., and SOUZA, J. Os caminhos trilhados por você... em cartas cariocas (séculos XIX-XX). In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 171-190. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Os caminhos trilhados por *você*... em cartas cariocas (séculos XIX-XX)

Célia LOPES

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq/FAPERJ

Janaína de SOUZA

Universidade Federal do Rio de Janeiro/IC/PIBIC

Introdução

O objetivo do trabalho é discutir as consequências geradas pela inserção de *você* no quadro de pronomes do português brasileiro com base na análise de diferentes amostras de cartas pessoais de fins do século XIX e da primeira metade do século XX. O foco do estudo é delimitar como se configurava a disputa entre *você* e *tu* em cartas produzidas por pessoas que nasceram ou que circulavam na cidade do Rio de Janeiro da época. Estudos anteriores (cf. LOPES, 2005; DUARTE, 1995, etc.) têm demonstrado o avanço da gramaticalização do *você* em inícios do século XX, que suplanta o emprego de *tu* na posição de sujeito, principalmente nas cartas escritas por mulheres.

Trabalhos anteriores, feitos com base em cartas oitocentistas e novecentistas, mostraram que o emprego de *tu* se apresentava mais frequente que *você* principalmente nas relações simétricas e de maior intimidade. A hipótese norteadora é a de que a implementação da nova forma gramaticalizada ocorreu em alguns contextos morfossintáticos mais do que em outros, criando-se um paradigma pronominal supletivo. Os resultados mostram que os ambientes morfossintáticos que se firmarão mais tarde para *você* já aparecem delineados nos séculos XIX-XX. *Você* se instaura no quadro de pronomes como pronome sujeito preenchido (principalmente) e complemento preposicionado, além das formas do imperativo-subjuntivo. As formas relacionadas a *tu* não se perderam. O paradigma pronominal parece ter mantido o *te* complemento (acusativo “eu *te* vi” e dativo “eu *te* dei X”) ao lado de outras possibilidades relacionadas a *você* que já eram pouquíssimo frequentes.

A proposta prevê a descrição desses contextos, além de procurar elucidar o fato de nas cartas femininas os índices da nova forma suplantarem quase sempre o emprego de

tu. O *tu* seria íntimo demais para ser empregado numa carta feminina na sociedade do período? Embora tenha perdido o caráter reverencial de *Vossa Mercê*, a forma gramaticalizada mantinha certo prestígio, era menos marcada, mais neutra e por isso foi adotada pelas mulheres?

Os dados serão analisados com base nos princípios da sociolinguística laboviana (LABOV, 1994), nos postulados teóricos funcionais que discutem o fenômeno da gramaticalização (HOPPER, 1991) e nos pressupostos da pragmática sociocultural discutida por Bravo e Briz (2004).

A estruturação do trabalho está assim organizada. Primeiramente faz-se uma breve revisão dos estudos feitos em diversas regiões do Brasil, com o objetivo de descrever a atual situação de emprego de *tu* e *você*. Partindo dessa descrição sincrônica, serão discutidos os fatores sociopragmáticos que poderiam explicar os valores assumidos pelo híbrido *você* (oriundo do tratamento *Vossa Mercê*) no processo de mudança de tratamento nominal a pronominal. Na sequência, apresenta-se a constituição da amostra utilizada neste trabalho e apresentam-se alguns resultados relativos ao emprego de *você* e *tu* em todos os contextos morfossintáticos de ocorrência nas cartas. Descrevem-se, em seguida, os contextos de resistência de formas relacionadas ao pronome original *tu* e os contextos estruturais favorecedores à entrada de *você*, tentando, no segundo caso, apontar algumas diferenças de uso quanto ao perfil social dos remetentes das cartas.

1 Do presente para o passado: situando brevemente a questão do tratamento no Brasil

As diferenças quanto ao uso de *você* e *tu* na posição de sujeito no Brasil já foram objeto de estudo de pesquisas variacionistas que procuram descrever o complexo sistema de tratamento em diferentes localidades/regiões do país.

Nas regiões Nordeste e Norte, Bezerra (1994) e Pedrosa (1999) identificaram, na Paraíba, maior uso de *tu* sem concordância em relações de maior intimidade, o que também foi identificado por Soares e Leal (1993) na cidade de Belém do Pará. Em Fortaleza, Soares (1980) identificou o uso de *tu* mais generalizado do que *você*, este último preferido em situações mais formais.

Os jovens brasilienses e da periferia, região centro-oeste, apresentaram, segundo Lucca (2005), altos índices de *tu* nas relações marcadas pela solidariedade entre os jovens, principalmente, os do gênero masculino. Dias (2007) também analisou a fala de Brasília e observou maior uso de *tu* entre os homens. Em relação às faixas etárias, constatou que informantes com idade inferior a 30 anos usam o *tu* com interlocutores da mesma idade, o que configura um traço de intimidade em diálogos cujo tom seja jocoso ou irônico. Os informantes mais velhos tendem a usar o *tu* em brincadeiras.

A região sudeste apresenta comportamento distinto. Para a cidade litorânea de Santos-SP, Modesto (2007) defende que o emprego de *tu*, menos frequente com 32%, é

motivado por situações de [+ envolvimento], [-monitoramento] e [+ expressividade], ao passo que o *você* é determinado por [+ monitoramento], [- expressividade].

Ramos (1997) investiga a variação entre *você/ocê/cê* em Belo Horizonte (MG). A autora observou o uso de *você* e *ocê* no nominativo e oblíquo e *cê* somente produtivo no nominativo nas 3 faixas etárias. As mulheres preferem *você* e *cê*: esta última variante não seria estigmatizada no dialeto de BH.

Mota (2008) observou que, no interior do município de São João da Ponte, localizado na região de Montes Claros (MG), *tu* é menos frequente que *você* na posição de sujeito, mas se mantém nas relações mais íntimas como resquícios do falar rural.

No Rio de Janeiro, o estudo de Paredes (2003), com base numa amostra de 1996, identificou 65% de *tu*, em oposição a *você*, sem a marca flexional de segunda pessoa, principalmente entre falantes do gênero masculino.

Lopes et al. (2009) analisam a fala urbana do carioca em situações interativas no centro da cidade (gravações feitas nas ruas). Apesar do predomínio de *você* na posição de sujeito (65%), como forma não marcada, principalmente entre as mulheres idosas, o uso de *tu* tem se mostrado produtivo no Rio de Janeiro do século XXI em atos diretivos de maior proximidade, quando se quer marcar intimidade e identidade social entre os jovens do gênero masculino.

Na região Sul do Brasil, Menon (1997) e Menon e Loregian-Penkall (2002) indicam a ausência de *tu* em Curitiba, sua concorrência com *você* em Florianópolis e Porto Alegre, com uma interessante particularidade: em Florianópolis, *tu* é menos frequente que *você*, mas tende a aparecer mais com a flexão verbal marcada, enquanto em Porto Alegre, *tu* é mais frequente, mas a flexão verbal é mais rara. O emprego do *tu* no sul do Brasil é favorecido, segundo Loregian-Penkall, nos discursos argumentativos quando o falante quer convencer o outro e impor sua opinião: “tratamento mais íntimo, usado para dar ordens e para impor sua vontade” (cf. LOREGIAN-PENKALL, 2004, p. 147). Em contextos [+determinados], o emprego do *tu* é favorecido, ao passo que o uso do *você* ocorre em contextos mais indeterminados. Para a autora, a entrada de tal forma no sistema pronominal se deu pela trilha da indeterminação na fala do sul do Brasil.

Amaral (2003) mostra que em Pelotas (RS) a presença da marca de concordância com *tu* atinge apenas 7%. O uso de *você* em Pelotas é bastante raro; ocorre apenas em delimitados papéis sociais, como, por exemplo, utilizado por vendedores em abordagens a clientes. Para o autor, *você* denota, em Pelotas, o desejo de ‘não ser invasivo’.

Apesar das distinções tipicamente geográficas, sociolinguísticas e pragmáticas, os estudos convergem em alguns pontos que devem ser esclarecidos. Na maior parte dos estudos, se identifica o favorecimento de *tu* em atos diretivos, contexto determinado, situações mais solidárias e íntimas na fala de jovens do sexo masculino, principalmente os de menor escolaridade e/ou em áreas rurais ou do interior. A maior neutralidade, o caráter “menos invasivo” e o contexto indeterminado seriam os contextos favorecedores ao emprego da forma *você*, principalmente, entre as mulheres.

O que pode ter influenciado historicamente tal comportamento no português brasileiro? Qual a influência dos valores sociopragmáticos atribuídos à forma *você* ao longo do processo de sua implementação como pronome no português brasileiro? É possível estabelecer uma correlação entre o uso de *tu* e *você* e o papel social assumido por homens e mulheres na realidade sócio-histórica do Brasil na virada do século XIX para o XX?

Os estudos de Soto (2001, 2007), Lopes e Machado (2005), Rumeu (2008) e Lopes (2009) mostraram que o tratamento *você* no século XIX apresentava um comportamento híbrido e instável, pois aparecia tanto como uma estratégia de prestígio usada pela elite brasileira da época, quanto como um tratamento generalizado em cartas de cunho doméstico ao lado de *tu*.

A nossa hipótese é a de que, na medida em que *você* se tornou gradativamente divergente do tratamento-fonte (*Vossa Mercê*), tal forma passou a concorrer com o solidário *tu* nos mesmos contextos funcionais. Do “tratamento nominal abstrato” (*Vossa Mercê*), segundo Koch (2008, p. 59), teria herdado o caráter indireto e atenuante da estratégia nominal de tratamento, por isso seria menos invasivo, menos “ameaçante ao interlocutor”. Talvez, por essa razão, a variante *você* tenha se tornado a estratégia preferida pelas mulheres na sociedade brasileira do século XIX, como mostram alguns trabalhos sobre o período (cf. SOTO, 2001; LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES, 2009). Empregar o tratamento direto *tu* poderia não ser “tão adequado” nas cartas produzidas pelas figuras femininas no contexto social de fins do século XIX e início do XX. Isso se deve ao fato de que se dirigir ao interlocutor de maneira direta com um pronome de segunda do singular pode ser considerado um ato de ameaça à face negativa do ouvinte (KOCH, 2008; BROWN; LEVINSON, 1987).

Além desses aspectos, é pertinente resgatar a influência da variável gênero (sexo) nos processos de variação e mudança linguísticas discutida por Labov (1994). Para o autor, “na maioria dos fenômenos de mudança linguística, são as mulheres que inovam usando formas “não padrão”, ao passo que, numa estratificação sociolinguística estável, as mulheres tenderiam a usar, com uma frequência maior, as variantes socialmente prestigiadas”. Embora não nos pareça pertinente considerar o tratamento *você* como uma variante “não padrão”, por não haver estigma social no seu emprego, o fato é que, na produção escrita das mulheres na virada do século XIX para o XX, a forma *você* é mais produtiva que a variante *tu* em diferentes contextos sociopragmáticos. Nas missivas de fins do XIX, o inovador *você* transitava por espaços discursivo-pragmáticos distintos e típicos de formas híbridas em processo de mudança. Era um tratamento veiculado pela elite brasileira com algum traço de cerimônia que também circulava como variante pronominal do *tu* íntimo. Nesse sentido, a adoção de *você* pelas mulheres pode ter ocorrido pela manutenção da indiretividade do tratamento original *Vossa Mercê* ou ainda pela conservação de algum resquício de distanciamento, generalizando seu emprego em diversas situações de uso. Não era uma forma não padrão, nem estigmatizada.

2 Resultados gerais: *corpus* e análise dos dados

2.1 As peculiaridades das fontes: primeiras caracterizações sociais

Neste estudo, foram analisadas cartas de diferentes famílias brasileiras produzidas no período de 1870 a 1937 e editadas com um intuito específico: conhecer a sócio-história do português brasileiro em formação. É importante destacar que, com o avanço na organização de *corpora* diacrônicos do português brasileiro, já é possível iniciar um controle sociolinguístico maior do material editado. Embora só seja possível a análise de textos escritos quando se quer estudar os séculos XIX e início do XX, têm-se atualmente documentos produzidos por pessoas com perfis sociais bem distintos que tinham maior ou menor contato com os meios de educação e cultura de sua época.

A produção escrita de pessoas ilustres sempre foi mais facilmente localizada, uma vez que os acervos institucionais como os da Biblioteca Nacional ou do Arquivo Nacional reúnem documentos das pessoas socialmente reconhecidas em todas as épocas de nossa história. A elite política e cultural sempre esteve muito bem representada. Entretanto, os documentos de pessoas comuns que constituem a base da sociedade brasileira não são resgatados e localizados com tanta rapidez e facilidade. No nosso caso, tem-se garimpado bastante e conseguido documentação representativa de uma parcela importante na configuração do português brasileiro atual. Tal material está sendo disponibilizado para estudos de outros fenômenos.

Para este trabalho, tentaremos fazer uma primeira incursão por um controle que pode ser denominado de social ou de algum nível de “escolarização” para o período. Tem-se, de um lado, um conjunto de cartas das ditas pessoas ilustres ou com maior contato com o mundo da escrita. São as cartas produzidas pela elite da época. Por outro lado, há algumas cartas das pessoas menos ilustres e com menor contato com os modelos de escrita do período. Não se tem ainda um controle rigoroso desse material, mas será uma primeira tentativa de observar se há diferenças quanto ao emprego das formas de tratamento.

O conjunto de cartas das famílias ilustres é constituído pela produção das seguintes famílias: Cupertino, Affonso Pena, Land Avelar e Pedreira e Ferraz-Magalhães. A documentação das pessoas menos ilustres ainda é preliminar e se restringe a dois *corpora* menores: os bilhetes de Chinina de 1908 e as cartas de Maria para o noivo Jaime escritas em 1936-37. Seguem algumas informações sobre essas amostras parciais:

a) Famílias “ilustres”:

A amostra Cupertino foi produzida em fins do século XIX (1870-1890). Trata-se de cartas da família Antônio Felizardo Cupertino do Amaral.¹ Filho do Comendador

1 As amostras da Família Cupertino do Amaral e da Família Afonso Penna estão sendo transcritas e editadas por Rachel Pereira, ex-bolsista IC/Balcão do CNPq e aluna de Mestrado na UFRJ. Participa da revisão das transcrições a bolsista de apoio-técnico do CNPq Maria Urânia Pacheco Marinho. Os *corpora* estão sendo publicados no *site* do projeto: www.lettras.ufrj.br/laborhistorico.

Antônio José Cupertino do Amaral e de Joana Cândida Melo do Amaral, nascido em 15/06/1852 no Rio de Janeiro, Antônio Cupertino teve importante vida política no fim do Império. Há cartas ativas escritas para sua esposa Elisa (1879-1886) e cartas passivas escritas por sua prima Ana Espinosa e de alguns amigos (1881-1882).

A documentação da Família Affonso Penna/AN-RJ envereda pelo início do século XX (1896-1926) e reúne cartas destinadas a Affonso Penna Júnior, escritas pelo tio Manuel, pelo pai, Affonso Penna e pela mãe, Maria Guilhermina. Filho do ex-presidente da República, Affonsinho, como era tratado pelos familiares, foi deputado estadual em 1902, nasceu em Minas Gerais, em 25.12.1879, e faleceu no Rio de Janeiro, onde viveu grande parte de sua vida. Tinha 19 anos quando recebeu a primeira carta e 47 anos, a última.

As cartas da Família Land Avellar foram produzidas entre 1907–1917. Trata-se da correspondência ativa e passiva de Alarico, filho do comerciante e proprietário da *Gazeta de Petrópolis*, Júlio César Ribeiro de Avellar e D. Helena Land Avellar. Nasceu em Vassouras, no Rio de Janeiro, em 04/11/1882 e tinha seis irmãos com quem se correspondia: Eurico, Maria Carolina, Waldemar, Tito, Edgar e Aluizio. Viveu na capital desde 1906.

As cartas da Família Pedreira Ferraz – Magalhães (1877-1933) foram editadas por Rumeu (2008). São cartas de uma família do Rio de Janeiro trocadas entre irmãos, pais, filhos, etc. A amostra constitui parte do *corpus* de Rumeu (2008).

b) Pessoas “não ilustres”:

A amostra “Chininha”, uma preciosidade, é constituída por 13 bilhetes amorosos, escritos no Rio de Janeiro, em 1908, por Robertina de Souza, que assinava seus bilhetes como Chininha. Esses bilhetes se encontram anexados a um processo judicial² que investigou o assassinato do amante de Robertina, Álvaro da Silva Mattos, cometido por Arthur Frederico de Noronha, com quem era amasiada há seis anos. Do total de bilhetes, 11 foram escritos para o amante e 02, ao companheiro.

Por fim, há um conjunto de cartas do final dos anos 30. É um material³ ímpar, pois reúne cartas particulares escritas por um casal de namorados residentes no Rio de Janeiro. O noivo J. S. residia no subúrbio carioca de Ramos, trabalhava no centro da cidade da antiga capital federal. A noiva M. R. morava em Petrópolis.

A descrição dos resultados será feita em duas partes. Em primeiro lugar, serão apresentados os resultados globais reunindo a totalidade da amostra para o levantamento e descrição dos contextos mais favoráveis ao emprego de *tu* e *você*. A partir da análise desses contextos, será descrita separadamente a variação *tu* e *você* na posição de sujeito, tendo em vista o controle social da amostra.

2 Processo Arthur Frederico de Noronha, Arquivo Nacional - Rio de Janeiro, nº 717, M. 883, gal. A, 8º PC, 1908.

3 Janaína Pereira e Érica do Nascimento, ambas ex-bolsistas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq/UFRJ) e atuais alunas de Mestrado, são responsáveis pela transcrição e edição desse material, publicado em www.lettras.ufrj.br/laborhistorico

2.2 Resultados gerais na totalidade da amostra: contextos morfossintáticos mais produtivos

A Tabela 1 reúne dados de toda a amostra descrita, apresentando um panorama geral do emprego das formas tratamentais no *corpus* a partir dos percentuais de frequência de uso. O intuito é descrever todas as formas de tratamento utilizadas nas cartas, tendo em vista as diferentes funções morfossintáticas assumidas. Nessa análise de cunho estrutural, leva-se em conta a presença ou não de mescla de tratamento em um mesmo documento, tentando observar os contextos em que mais se empregam, o que se denominou formas relacionadas a *tu*⁴ (*tu/-s, imp. P2, teu/tua, te, contigo, por/a/de/para ti*) e a *você* (*você/Ø P3, imp. P3, seu/sua, o/a/lhe, com/por/a/de/para você*). Na análise, propõe-se observar em que contextos morfossintáticos prevalecem as formas relacionadas a *você* e *tu*, descrevendo seus usos nas cartas:

Tabela 1: Distribuição das formas de tratamento em função do contexto morfossintático de ocorrência

Cartas familiares 1870-1937	Formas encontradas		
	TU (P2)	VOCÊ (P3)	TOTAL
Tipos pronomes/ Formas verbais			
Pronome comp. sem preposição (<i>te/você</i>)	209/241 86%	32/241 14%	241
Verbo não imperativo (sujeito nulo)	247/315 78%	68/315 22%	315
Pronome Possessivo (<i>teu/seu</i>)	203/332 61%	129/332 39%	332
Verbo Imperativo (ex: Fala! Corre!)	52/206 25%	154/206 75%	206
Pronome Reto (<i>tu/você – sujeito pleno</i>)	49/174 28%	125/174 72%	174
Pronome comp. (com preposição) <i>Contigo/com você/para você</i>	29/73 40%	44/73 60%	73
Total	789/1344 59%	555/1344 41%	1344

Em termos dos resultados globais, nota-se que as formas relacionadas ao pronome *tu* são as mais produtivas nessas cartas de fins do século XIX e início do XX, com índices de frequência próximos de 60%. Observa-se ainda que os contextos favoráveis a formas relacionadas a *tu* são: (a) pronome-complemento sem preposição (*te*) com 86%, (b) verbo não imperativo (sujeito nulo com marca desinencial de segunda pessoa) com 78% e (c) determinante possessivo (*teu/tua*) com 61%. O exemplo (1) apresenta alguns desses contextos:

4 O imperativo de terceira pessoa (presente do subjuntivo) fica indicado como *imp. P3*, do mesmo modo que o imperativo de *tu* aparece como *imp. P2*. O símbolo -Ø (*P3*) indica que se trata de uma forma verbal sem o sujeito preenchido e - s refere-se à desinência verbal de segunda pessoa do singular (sujeito nulo).

- (1) “Estimando que tudo \emptyset *encontres*_(b) a *teu*_(c) gosto, peço-*te*_(a) que \emptyset *desculpes*_(b) a demora” (Carta de Alberto – família Cupertino)

Os contextos favoráveis a formas relacionadas a *você* são, por sua vez, pronome complemento preposicionado (60%) como em (2), pronome-sujeito (72%) em (3) e imperativo (75%) exemplificado em (4):

- (2) “eu tenho sonhado todas as noites *com você*” (1936, Carta de Maria a Jaime,)
 (3) “*Você* já devia ter me escripto” (Carta de Elisa – família Cupertino)
 (4) “*Diga* a Marieta que hei de escrever *lhe* outra carta, mas que *ella* responda.”
 (*idem*)

Na sequência, serão analisados os principais contextos que favorecem uma ou outra forma. No caso do pronome *tu*, diversos trabalhos feitos com base em cartas produzidas nos séculos XIX-XX (cf. RUMEU, 2008; LOPES, 2009 entre tantos outros) já demonstraram que o clítico *te* é produtivo, correlacionando-se tanto no sistema tratamental em que predomina *tu*, quanto no que prevalece *você*. Interessa-nos observar, neste estudo, se tal uso se generaliza como pronome-acusativo ou dativo ao lado das formas alternantes *o/a(s)*, *lhe* e *você*, no primeiro caso, e *lhe/a~para você*, no segundo, respectivamente. Na Tabela a seguir, apresenta-se apenas a distribuição desses contextos, tendo em vista os pronomes-complemento estarem funcionando como acusativo (*eu te~lhe~o vi / eu vi você*) ou dativo (*eu te/lhe dei isso a~para você*):

Tabela 2: Distribuição do número de ocorrências de pronomes-complemento

Pronome complemento	Acusativo (<i>eu te vi</i>)	Dativo (<i>eu te dei X</i>)	TOTAL
Te	86/209 41%	123/209 59%	209
Lhe	1/29 4%*	28/29 96%	29
O, a	03/03 100%	---	03
(Prep.) você	02/15 13%	13/15 87%	15

Como descrito anteriormente, o emprego de *te* é majoritário (209 ocorrências). Na Tabela 2, nota-se que seu emprego é mais recorrente como dativo (59%), preferencialmente em cartas com mescla de tratamento. Em (5), tem-se um exemplo de *te* como dativo e em (6), como acusativo. Nos dois casos, tal forma aparece na carta, combinando-se com formas relacionadas a *você*, que estão sublinhadas:

- (5) “Os juro que você fallou talvez nem pague a pharmacia [...] Desde já *te* peço ter paciencia com tantas amollações” (8/7/1917, Helena- Alarico)

- (6) “Desejo que estas linhas *te* encontrem gosando saúde, nós passamos regularmente ... Veja o que achas e o que resolves ” (19/2/1913, Chuchinha-Alarico)

A forma *lhe*, com apenas 29 dados, ocorreu quase categoricamente como complemento dativo (96%). O único exemplo de *lhe*-acusativo está em negrito no exemplo (7):

- (7) “Deos o abençoe e de-**lhe** calma para d’ahi, e para ti muitos abraços das irmasinhas e estar **lhe** atormentando” (Mãe-filho – família Penna)

Ao contrário do observado com o clítico *te*, o emprego majoritário de *lhe*-dativo, em referência à segunda pessoa, se deu principalmente em cartas com maior uniformidade no tratamento, como é o caso das cartas do século XIX da família Land Avelar e da família Penna. Em (8), há apenas formas relacionadas a *você* (*sua~seu*):

- (8) “Foi com muito prazer que recebi sua carta de 3 de Janeiro pp principalmente por ela a noticia do seo restabelecimento. Nós não temos passado bem, pois eu é raro o dia que não tenho algum incommodo e assim as meninas e por esta razão é que tenho deixado de escrever-**lhe**, o que ja devia ter feito” (12/02/1873, Primo-Antônio)

Os raros dados de formas dos clíticos acusativos (*o*, *a*) correlacionadas a *você* ocorreram em frases cristalizadas típicas da seção de despedida do gênero carta, como se vê em (9):

- (9) “Recebi os jornaes que voce me mandou, apreciei muito os discursos e a imponente posse que tivestes. Deos **o** conserve sempre honesto e cumpridor de seus deveres.” (Mãe-filho, 11/08/1919, família Penna)

No que se refere ao emprego da forma *você* como acusativo ou dativo, identificaram-se apenas dois dados de *você*-acusativo nas cartas mais inovadoras de fins dos anos 30, em que predomina, de maneira expressiva, a mescla de tratamento que se firmará mais tarde:

- (10) “tu podes ter toda comfiansa no Antoninho. Jayme, espero **voçe** o tempo que voçe quizer. não se esquesa desta pobrezinha que tanto te ama” (Maria-Jaime, 19/01/1937)

Como se viu na Tabela 1, o pronome *você* preposicionado é mais produtivo (44/73 - 60%) do que formas relacionadas a *tu* (como é o caso de *contigo*, *para ti*, etc). Desses 44 dados, apenas 13 são de *você*-dativo como em (11). Prevalece na amostra de cartas o

emprego de *você* preposicionado como complemento relativo e/ou circunstancial como se vê em (12):

(11) “Peço *a você* dar ao Tito a minha caderneta” (8/7/1917, Helena-Alarico,)

(12) “eu tenho sonhado todas as noites *com você*” (1936, Maria-Jaime)

Em suma, observou-se que a forma oblíqua *te* é predominante, ocorrendo mais como dativo do que como acusativo e principalmente nas cartas em que não há uniformidade de tratamento. Praticamente todos os exemplos de *lhe* ocorreram como dativo nas cartas em que prevalece o *você* como tratamento único. Os casos dos clíticos acusativos *o*, *a* relacionados a *você* são raros e representam muito mais uma característica do texto, uma tradição discursiva, do que a norma de uso da época. O emprego de *você* como acusativo também é raro e só aparece nas cartas mais inovadores do final da década de 30. O uso majoritário de *te* evidencia alguns indícios do comportamento que se firmará no português brasileiro: *te* com forma predominante em todos os sistemas pronominais de segunda pessoa (sistema com *tu* exclusivo, com *você* exclusivo e sistema em que se empregam *você* e *tu*).

2.3 O preenchimento do sujeito com *você* e *tu*: distribuição geral dos dados

Outro contexto propício ao emprego de *você*, de acordo com os resultados da Tabela 1, é a posição de sujeito (72%). Diversos trabalhos anteriores mostraram que nesta mesma época a frequência de uso do preenchimento do sujeito começa a suplantar a sua realização não plena. No estudo realizado por Duarte (1993), com base em peças teatrais brasileiras, verificou-se que os índices percentuais de sujeito nulo são significativos até pelo menos os anos 50: 77% em 1882, 75% em 1918, 54% em 1937, 50% em 1955, 33% em 1975, 28% em 1992. Duarte destaca que, a partir da década de 30, há a primeira redução percentual correspondendo ao momento em que *você* tornou-se mais produtivo que *tu*. Nos estudos parciais feitos com base em cartas, o predomínio de *tu* sobre *você* mantém-se alto até pelo menos os anos 40 do século passado. O pronome *tu* apresenta, aproximadamente, 70% de frequência sobre *você* e a sua realização como sujeito nulo atinge patamares próximos de 100% no início do século XX. Em contrapartida, o emprego de *você* é preferencialmente pleno. Tais resultados mostram-se mais evidentes na produção escrita das mulheres no período, conforme discutido anteriormente.

A Tabela a seguir apresenta os resultados de *tu* e *você* na posição de sujeito, tendo em vista o preenchimento ou não desta posição na totalidade da amostra:

Tabela 3: Sujeito pronominal - distribuição geral

1870-1937	Tu	Você
Pleno	50/197 25%	147/197 75%
Nulo	340/432 79%	92/432 21%
Total	390/629 63%	239/629 38%

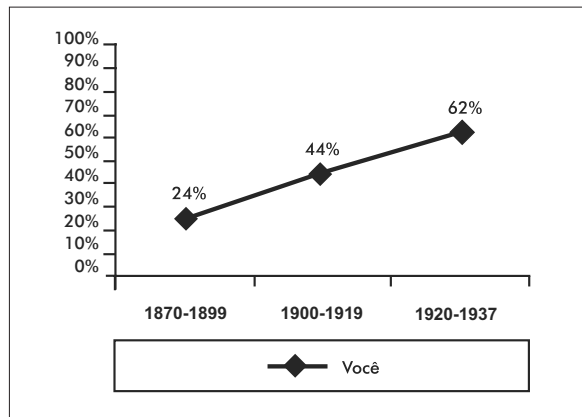
Em termos dos resultados totais, nota-se que o emprego do pronome de segunda pessoa *tu* ainda é mais produtivo (63%) em relação ao *você* (38%). Cabe destacar que não se trata necessariamente da forma explícita do pronome *tu*, uma vez que, nesse período, a marca de segunda pessoa ocorria mais frequentemente expressa na desinência verbal com o pronome-sujeito não explícito. Como se observa na Tabela, *tu* ocorre preferencialmente nulo em relação a *você* (79% contra 21%). O pronome *você* se destaca como sujeito pleno com 75%, o que corrobora os resultados de estudos anteriores, como o de Duarte (1995), o de Lopes (2007), entre outros.

Para observar essa distribuição em termos cronológicos, na tentativa de acompanhar o processo gradual de inserção de *você*, optou-se por analisar separadamente a amostra global, tendo em vista o perfil sociolinguístico dos remetentes. De um lado, tem-se um conjunto de cartas de pessoas ilustres ou mais letradas, ou seja, de famílias mais abastadas e socialmente reconhecidas à época, como é o caso, por exemplo, da família do então Presidente da República Afonso Penna. De outro, tem-se uma documentação produzida por pessoas aqui denominadas de não ilustres, menos letradas e com pouco contato com o mundo da escrita. Trata-se de pessoas alfabetizadas, mas sem intensos contatos com os meios de educação e cultura de sua época.

2.3.1 O emprego de *você* e *tu* na posição de sujeito: cartas de famílias ilustres

O Gráfico a seguir apresenta os resultados do emprego de *você* na posição de sujeito em oposição a *tu*, na produção escrita das pessoas ilustres e em três períodos de tempo distintos: 1870-1899, 1900-1919 e 1920-1937:

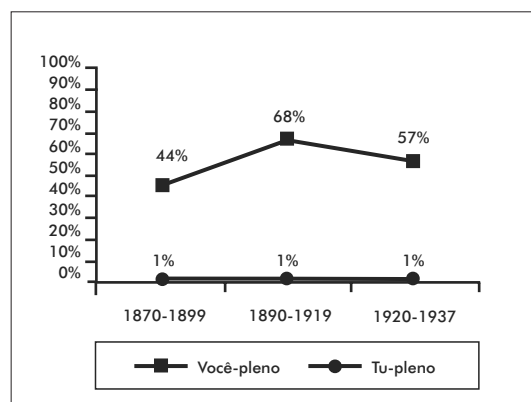
Gráfico 1: Posição do sujeito nas cartas dos ilustres: *você* x *tu*



O Gráfico 1 se baseia nos dados de cartas das seguintes famílias de “ilustres”: Cupertino, Land Avelar, Penna e Pedreira Ferraz. Nota-se, a partir da sua análise, o aumento gradativo e constante de *você* ao longo das três faixas controladas, principalmente a partir da década de 20. Na virada do século XIX para o XX, as taxas de *você* apresentam índices pouco representativos (em torno dos 20%), o que evidencia a supremacia de *tu*, que se mantém mais produtivo até os anos 20. É só a partir dos anos 30 que *você* supera o uso de *tu* na posição de sujeito com 62%, confirmando o que Duarte (1993-5) encontrou nas peças de teatro.

O Gráfico 2 contrapõe apenas resultados relativos ao preenchimento da posição de sujeito com *você* ou *tu* na amostra de famílias ilustres. Nele é possível perceber que quase não houve dados de *tu* como sujeito pleno: os índices percentuais se mantêm próximos de zero nos três períodos de tempo. O pronome *você*, ao contrário, apresenta maiores frequências como sujeito pleno, principalmente a partir da segunda década do século XX. As altas taxas de *tu* como sujeito nulo e o fato de *você* apresentar frequência menor como sujeito pleno (44%), na virada do século XIX para o XX, evidenciam um comportamento esperado numa língua ainda movida pelo parâmetro de sujeito nulo naquele momento, conforme Duarte (1995).

Gráfico 2: Preenchimento do sujeito nas famílias ilustres



Na Tabela 4, serão apresentados os resultados da variação *você* e *tu* na posição de sujeito em duas famílias ilustres específicas. A família Cupertino é representativa das últimas décadas do século XIX e a família Penna, das primeiras décadas do século seguinte:

Tabela 4: Preenchimento do sujeito nas famílias Cupertino e Pena

1870-1890 Cupertino	Tu	Você	1896-1926 A. Pena	Tu	Você
Pleno	0/0 0%	08/14 58%	Pleno	0/0 0%	19/26 73%
Nulo	29/29 100%	06/14 42%	Nulo	56/56 100%	07/26 27%
Total	29/43 67%	14/43 33%	Total	56/82 66%	26/82 32%

Em termos dos resultados totais, não se notam diferenças nas duas amostras: o emprego de *tu* na posição de sujeito era predominante no período analisado, com percentuais próximos de 70% (67% no XIX e 66% no início do XX). Nota-se uma diferença de comportamento quanto ao preenchimento do sujeito. Em ambas as amostras, não houve dados de *tu* como sujeito pleno, enquanto *você* é categórico nessa posição. É perceptível, entretanto, uma distinção entre as duas famílias. Na família Penna, tem-se uma polarização dos resultados com relação ao *você*, que ocorre muito mais como sujeito pleno (73%) do que como sujeito nulo (27%). Já na família Cupertino, localizada temporalmente no século XIX, ainda se tem uma proximidade de ocorrências entre o *você* nulo e o pleno: 42% e 58% respectivamente.

Com relação aos dados de *você-pleno*, alguns aspectos qualitativos devem ser mencionados. Nas cartas da família de Cupertino, século XIX, dos 08 dados de *você*, quatro fazem parte de fórmulas fixas para captação de benevolência e foram escritas pela mesma pessoa (de Antônio para sua esposa Elisa), como se vê de (13) a (16):

- (13) “Desejo que *você* esteja bôa. Eu vou passando bem.” (15/03/1879, Antônio-Elisa)
- (14) “Desejo que *você* e Marieta estejam bôas. Eu vou sem novidade.” (Antônio-Elisa)
- (15) “Estimara que *você* e todos os nossos queridos filhinhos tenham passado bem.” (12/02/1886, Antônio-Elisa)
- (16) “Estimarei que *você* e todos os meus também continuando a passar bem.” (20/02/1886, Antônio-Elisa)

Em (17), o tom é de lamentação e o emprego do pronome de tratamento dá-se em um ato indireto:

- (17) “Minha querida Elisa, Hontem tive duas cartas suas de 6 e de 8, ficando aborrecido por saber que “**você**” continua a passar incomodada.” (10/03/1886, Antônio-Elisa Cupertino)

O marido não emprega o *você* nesse caso para se dirigir à sua esposa, mas para se reportar a uma menção anterior, a algo que “soube” por intermédio de outra carta anteriormente enviada. Em (18), opta pelo tratamento *você* para atenuar um pedido, um tanto ameaçador (*você me espere*):

- (18) “Assim, pois, *você* me espere quando digo que me espere não quero dizer que quando [...] porque jantarei na Barra.” (12/03/1886, Antonio-Elisa Cupertino)

Tal ato linguístico no contexto da carta lhe pareceu demasiadamente imperativo/incisivo, a ponto de ser necessário justificá-lo com uma ressalva que minimiza o caráter imperativo da solicitação (*quando digo que espere, não quero dizer...*). Koch (2008, p. 64) defende que o risco de um ato ameaçador à “face negativa” (território) do interlocutor presente em ordens transfiguradas em pedidos costuma ser atenuado pelo emprego de um tratamento abstrato. Nesse sentido, o pronome *você*, nesse exemplo, ainda estaria mantendo o sema de cortesia da forma original.

Nas cartas da família Afonso Penna (séculos XIX-XX), por sua vez, as ocorrências de *você-pleno* não aparecem em construções fixas e se alternam numa mesma carta com *tu-nulo*, como se vê em (19) e (20). Dos 19 dados de *você* que aparecem preenchidos na posição de sujeito, 17 ocorreram nas missivas escritas pela mãe de Affonsinho e somente duas ocorrências foram identificadas nas cartas escritas por homens: 01 dado na carta escrita pelo pai em (21) e outro na enviada pelo tio de Afonso em (22):

- (19) “Recebi os jornaes que *você* me mandou, apreciei muito os discursos e a imponente posse que tivestes.” (11/08/1919, carta de Maria Guilhermina ao filho Affonsinho)
- (20) “Tenho tido noticias suas, não tenho escrito porque sei que não Ø tens tempo para responder. Sinto bem *você* não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora você deve estar mais tranqüilo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos.” (23/09/1919, M. Guilhermina ao filho Affonsinho)
- (21) “Estou um pouco indefluxado, mas é causa que não vale a pena. Ahi vai uma carta de M. Dias para *você* providenciar. Respondi-lhe que confiara esse negocio a você.” (21/08/1905, Affonso Penna ao filho Affonsinho)
- (22) “Podia tambem escrever a seo Pae, e D João Pinheiro porem entendo não ve necessario só basta que *você* si interessou. Como Ø sabes para a reorganização da Fabrica é necessaria a mia efficaz intervenção e o mais difficil é obter-se o

capital necessário para si montar filatorio e mais despesas (05/1906, Tio Neca a Affonsinho)

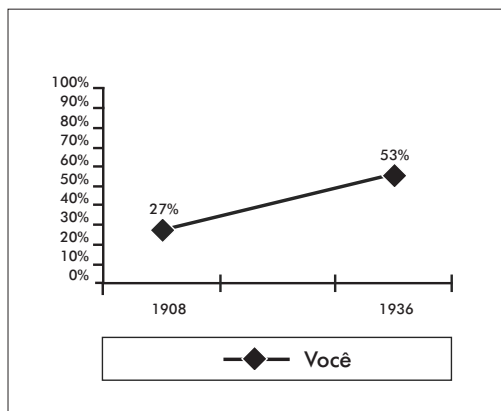
Em síntese, apesar do relativo equilíbrio entre os índices percentuais de *tu-nulo* e das frequências totais das formas variantes (*tu ~ você*) nas cartas relativas às duas famílias ilustres, nossos resultados elucidam que *você* já vinha adquirindo *status* de pronome pessoal. Isso se deve ao fato de aparecer, principalmente nas cartas femininas do início do século XX (Affonso Penna), nos mesmos contextos que favoreceriam o uso de *tu*, especializando-se como forma pronominal de segunda pessoa na posição de sujeito (HOPPER, 1991).

Com relação aos resultados relativos ao uso de *você* nas missivas escritas pela mãe de Affonso, confirma-se a hipótese levantada em outros estudos de natureza diacrônica (cf. SOTO, 2001; LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; entre outros) sobre o maior emprego da forma gramaticalizada/ pronominalizada *você* pelas mulheres. Vejamos, na sequência, a análise das cartas de pessoas não ilustres, especificamente cartas produzidas por figuras femininas.

2.3.2 O emprego de *você* e *tu* na posição de sujeito: cartas de famílias não ilustres

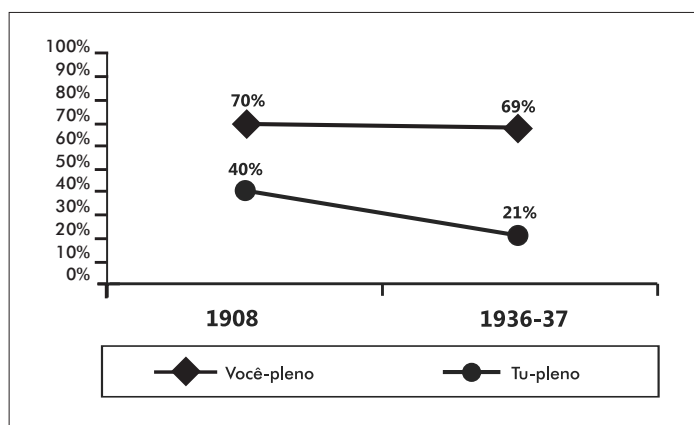
Diferentemente das amostras de pessoas ilustres e cultas, os bilhetes de Chininha escritos em 1908 e as cartas de Maria produzidas em 1936-37 foram confeccionadas por pessoas desconhecidas, de menor grau de instrução e de “cultura mediana” nos termos de Barbosa (2005, p. 38). Outro ponto convergente desse conjunto de documentos de pessoas “não ilustres” é o fato de, em ambos os casos, a documentação ser constituída por “cartas de amor” escritas por mulheres a seus amantes-maridos-noivos. O objetivo da análise em separado é o de verificar se o que foi observado nas cartas de famílias ilustres se confirma nessas cartas de pessoas com perfil social distinto:

Gráfico 3: Posição do sujeito nas cartas de não ilustres: *você x tu*



O Gráfico 3 ratifica os resultados observados na produção escrita de pessoas ilustres: o aumento gradativo de *você* a partir dos anos 20-30. Nota-se o desfavorecimento para a forma *você* nos bilhetes de 1908 (27%) e a sua supremacia nos anos 30 (53%).

Gráfico 4: Preenchimento do sujeito nas mulheres não ilustres



Com relação ao preenchimento do sujeito com *você* nos dois períodos, observado no Gráfico 4, não houve mudança no comportamento de *você-pleno* de 1908 para 1936-37: de 70% para 69%. No que se refere ao emprego de *tu*, nota-se uma forte polarização dos valores: 40% de frequência como sujeito pleno no início do século XX e decréscimo de uso na década de 30. A Tabela a seguir contrapõe os resultados dos dois períodos:

Tabela 5: Preenchimento do sujeito nas cartas de mulheres não ilustres

1908 Chininha	Tu	Você	1936-37 Maria	Tu	Você
Pleno	11/27 40%	7/10 70%	Pleno	07/34 21%	27/39 69%
Nulo	16/27 60%	3/10 30%	Nulo	27/34 79%	12/39 31%
Total	27/37 73%	10/37 27%	Total	34/73 47%	39/73 53%

Como pode ser observado na Tabela 5, em termos dos resultados globais, não houve alterações significativas em relação às cartas de família ilustres. Os resultados identificados confirmam o que foi observado em outros trabalhos, ao mesmo tempo em que se verificam aspectos peculiares.

As cartas de amor produzidas por pessoas “não ilustres” apresentam índices de frequência equivalentes ao que observado anteriormente. Vê-se o predomínio de *tu* sobre *você* no início do século XX (73% contra 27%) e um relativo incremento de *você* na década de 30: 53% contra 47% em 1908. A polarização entre *tu-nulo* e *você-pleno* também se mantém, ou seja, o sujeito de referência à segunda pessoa (*tu*) é marcado preferencialmente na desinência verbal (60% em 1908 e 79% em 1936), ao passo que a forma de referência indireta (*você*) é mais produtiva como sujeito pleno (70% em 1908 e 69% em 1936).

Embora haja um equilíbrio entre o emprego de *você* e *tu* nas cartas de Maria (1936-37), com um ligeiro favorecimento do primeiro, ao preencher o sujeito, Maria opta por *você*, ao passo que, nos casos de sujeito nulo, a marca de segunda pessoa aparece apenas na desinência verbal. Novamente, a hipótese se confirma: as missivistas brasileiras empregavam mais *você* do que *tu* na sua correspondência pessoal no início do século XX. Em (23), tem-se um fragmento com as estratégias utilizadas por Maria (1936-37) para se dirigir ao noivo:

- (23) “Eu a recebi a tua carta do dia 19 – no dia 20 que muito me alegrou foi unico remedio que me pois boa eu passei dois dias que eu nunca passei na minha vida graças a Deus agora vou indo mais ou menos. Eu não mezango com *você* nem prezizas pedir pela carta o meu amor e sego. Eeu sei perfeitamente que teis sofrido muito por minha causa mais tenha fé em Deus e na N. Senhora. *Você* não precisa aranjear mais o lugar para eu mandar asminhas cartas, eu mandando para a minha casa e o Antoninho te intrega que ele se ofereceu *você* dia sim, dia não telefona para elle o numero 22.33.031 22.33.03 de pois *você* vai buscar na hora do teu almoço que da tempo, pode ter toda comfiansa no Antoninho.” (21/01/1937, Maria para Jaime)

Nessa documentação, entretanto, percebeu-se uma diferença de comportamento em relação aos resultados anteriores: o pronome *tu* passa a ocorrer também como sujeito pleno (40% de frequência em 1908 e 21% em 1936) e não mais categoricamente como sujeito nulo, como se viu nas cartas dos ilustres.

Nos dados do preenchimento do sujeito com o pronome *tu*, percebe-se um emprego funcionalmente motivado. É possível interpretar que, em alguns casos, o pronome pode indicar referência disjunta ao pronome anterior (LUJÁN, 1999, *apud* SILVA, 2007, p. 50), marcando contraste ou individualização, como em (24-25). No primeiro caso, opõe-se a primeira e a segunda pessoa (*__ sou tua x tu é meu*). No segundo caso, o sujeito da oração anterior também é o *eu* (*__ fis*) e o preenchimento com *tu* (*tu sabes*) marca contraste (= *tu e não outra pessoa sabe que tudo isso é brincadeira*):

- (24) “sou tua só e *tu é* meu” (1908, Chininha-Álvaro)
(25) “Perdoa-me tudo quanto te fis hoje de estar beijando aquelle retrato *tu sabes* que tudo isso é brincadeira” (1908, Chininha-Álvaro)

Em (26-27), também se mantém o jogo opositivo da relação amorosa estabelecido entre o *eu* e o *tu*. Tal uso é recorrente nos bilhetes de Chininha de 1908 e singulariza as cartas de amor:

- (26) “eu sou tua e *tu é* meu” (1908, Chininha-Álvaro)

(27) “*tu és* meu me eu sou tua” (1908, Chininha-Álvaro)

É preciso considerar ainda outros indícios nesse conjunto de cartas que não são identificados em materiais do mesmo período. Dos 11 dados de *tu pleno* nos bilhetes de 1908, houve seis ocorrências de *tu* sem a presença da desinência verbal, como pode ser visto de (28) a (33). Nas cartas de 1936, também ocorre o mesmo fenômeno, como em (34):

(28) “sou tua só e *tu é* meu” (Bilhete 01 – 1908, Chininha-Álvaro)

(29) “eu sou tua e *tu é* meu” (Bilhete 03 – 1908, Chininha-Álvaro)

(30) “manda-me que eu guardo como *tu guardou* o meu” (Bilhete 03 – 1908, Chininha-Álvaro)

(31) “porque *tu é* a minha vida” (Bilhete 09 - 1908, Chininha-Álvaro)

(32) “que *tu é* meu coração que eu sou tua...” (Bilhete 06 – 1908, Chininha-Álvaro)

(33) “*tu é* a minha vida, minh’alma” (Bilhete 10 – 1908, Chininha-Álvaro)

(34) “eu nunca peissei que *tu memandace* uma carta dessas” (19/01/1937, Maria-Jayme)

Diferentemente do observado em cartas de pessoas ilustres, essa documentação de pessoas de “cultura mediana” dá prenúncios da configuração do português brasileiro. Nota-se a presença de *tu* como sujeito preenchido coexistindo ao lado de *você* nos mesmos contextos funcionais. Percebe-se ainda que a maior parte das ocorrências de *tu pleno* foi empregada, nos bilhetes de 1908, com verbos na terceira pessoa (sem concordância verbal). Embora sejam poucos dados, observou-se que a falta da desinência verbal de segunda pessoa ocorria mais no presente do indicativo e com o verbo *ser*. Sem a marca desinencial, o pronome é funcionalmente relevante para indicar pessoa.

Considerações finais

Em fins do século XIX e início do XX, o emprego de *tu* era mais frequente que *você*, principalmente nas relações simétricas e de maior intimidade.

O pronome *tu* ocorria preferencialmente nulo, ao passo que *você* apresentava índices mais altos como sujeito pleno em fins do XIX e início do XX. Tal comportamento parece se alterar a partir da década de 30, quando os dados de *tu pleno* começam a salpicar numa carta ou outra. Os poucos dados de *tu* sem concordância também aparecem nesse período, mesmo com índices muito baixos e nas cartas de pessoas com cultura mediana.

Um dos contextos de resistência à entrada de *você* é a posição do complemento direto não preposicionado. Nesse caso, predomina a forma oblíqua *te*, ocorrendo mais como dativo do que como acusativo e principalmente nas cartas em que não há uniformidade de tratamento. Os exemplos com *lhe* são de dativo nas cartas em que prevalece o *você* como tratamento único. Os casos dos clíticos acusativos *o*, *a* relacionados a *você* são

raros e representam uma característica do texto, uma tradição discursiva, e não a norma de uso de então.

Outro aspecto a destacar refere-se às motivações sociopragmáticas para o preenchimento do sujeito com *você* numa língua ainda de sujeito nulo. *Você* é utilizado para destinatários e contextos específicos, podendo marcar contraste ou *individualização*, sendo empregado para atenuar pedidos e ordens e ocorrendo em estruturas fixas típicas do gênero carta, principalmente, em fins do século XIX. Nas cartas femininas, foi possível perceber que timidamente o pronome *você* ocupa os espaços funcionais de *tu*.

É possível que a generalização de *você*, a partir do século XX, tenha influenciado na perda da marca desinencial de segunda pessoa (recorrente até então), uma vez que, em grande parte das áreas em que ainda se emprega *tu*, a concordância se realiza cada vez menos: coube à presença das formas *tu* e *você* a indicação da pessoa, já que o verbo não traz mais tal informação.

Referências

- AMARAL, Luís I. C. (2003). *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BARBOSA, Afranio Gonçalves (2005). Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.) *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ. p. 25-43.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora (1994). Uso de *tu/você* em interações infantis. *Letras*, Campinas, PUCCAMP, v. I, n. 13, p. 96-118.
- BRAVO, Diana; BRIZ, Antonio (2004). *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. (1987). *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIAS, Edilene Patrícia (2007). *O uso do tu no português brasileiro falado*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – Homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da UNICAMP. p. 107-128.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (1995). *A perda do princípio 'evite pronome' no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- KOCH, Peter (2008). Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, Johannes (Ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/Iberoamericana (Lingüística Iberoamericana 31). p. 53-88.
- HOPPER, Paul John (1991). On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. v. 1. p. 17-35.

- LABOV, William (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: Blackwell. v. 1.
- LUCCA, Nívia Neves Garcia (2005). *A variação “tu”/“você” na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- LOPES, Célia Regina dos Santos Lopes; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; SANTOS, Viviane Maia; SILVA, Aline S. (2009). Quem está do outro lado do túnel? *Tu* ou *você* na cena urbana carioca. *Neue Romania*, Berlin, v. 39, p. 49-67.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; MACHADO, Ana Carolina Morito (2005). Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.) *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ. p 45-66.
- MENON, Odete da S. P. (1997). O sistema pronominal na região sul. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. p. 510-512.
- MENON, Odete da S. P.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi (2002). Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat. p. 147-188.
- MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito (2006). *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos – SP*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MOTA, Maria Alice (2008). *A variação dos pronomes “tu” e “você” no português oral de São João da Ponte (MG)*. Dissertação de Mestrado. FALE, Universidade Federal de Minas Gerais.
- PAREDES SILVA, Vera Lúcia (2003). O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras. p. 160-169.
- PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro (1999). Concordância verbal como pronome ‘tu’ na fala pessoense. In: *Anais do Congresso da ABRALIN*.
- RAMOS, Jânia (1997). O uso das formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia/UFPB. p. 43-60.
- RUMEU, Marcia Cristina de Britto (2008). *A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SILVA, Humberto S (2007). O parâmetro do sujeito nulo no português e no espanhol. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 45-62.
- SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira (1993). Do *senhor* ao *tu*: uma conjugação em mudança. *Moara*. Revista do Curso de Mestrado (UFPA), Belém, n. 1, p. 27-64.
- SOARES, Maria Elias (1980). *Formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- SOTO, Ucy (2001). *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista.
- SOTO, Ucy (2007). *Cartas através do tempo: o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói: EdUFF.